

## Resenha

### A CRÍTICA GENÉTICA DE PHILIPPE WILLEMART

Domingos Cunha\*

*Anotações sobre o livro: UNIVERSO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA: Crítica Genética, Crítica Pós-Moderna?*, Philippe Willemart, EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

Interessa saber se um escritor reescreveu dez vezes aquele romance que virou *best-seller* da literatura mundial, ou se o texto de seu livro baixou às páginas de roldão, sem merecer rasura ou revisão?

Os mais ortodoxos dirão que o produto literário é a obra pronta e acabada, e isto é o que vale, no final das contas – não interessando como foi produzido nas oficinas do autor. Não é o que pensa o professor Philippe Willemart, que anda assanhando o ambiente acadêmico com a sua *Crítica Genética*.

Nada de novo. Seu livro “Universo da Criação Literária” foi lançado há quase dez anos pela Editora da Universidade de São Paulo, mas só agora consegue sacudir a tribo que pensa literatura. Trata de uma teoria da escritura a partir do manuscrito, num instigante roteiro que toma como ponto de partida um debruço minucioso levado a cabo pelo autor sobre originais manuscritos das obras de Flaubert, Proust e outros literatos famosos, com inevitáveis pinceladas de Lacan e da ciência psicanalítica, especialmente no que diz respeito à expressão da palavra oralizada e escrita, a busca do outro e um agregado de questões que estão no próprio cerne da teoria psicanalítica.

Professor de literatura francesa, crítico literário e psicanalista – uma mistura explosiva, capaz de provocar arrepios em muitos escritores colocados sob a mira desta casta que gosta de conjugar literatura com psicanálise – Willemart consegue provocar reflexões importantes sobre a gênese da criação literária.

Balzac escrevia rápido, ajuntando notas nas margens ou nas entrelinhas, e invariavelmente rasurava as provas que o editor encaminhava à sua revisão. Flaubert suava sobre sua escrita, copiava e reescrevia até dez vezes o mesmo capítulo, depois de ter tomado notas numerosas em leituras e consultas a amigos. Proust escreveu simultaneamente o primeiro e o último volumes de “A la recherche du temps perdue”. Bem, e o que isso quer dizer?

---

\* Poeta e publicitário.

“Tento elaborar uma teoria que permita compreender o fenômeno da escrita tomando como pontos de referência certas noções da psicanálise, o que está esboçado na *La Chambre Noire de l'écriture* e nos *Bastidores da Criação Literária*” – explica o professor.

Nessa trilha, o autor descobre, num dos capítulos do livro, que “rasurar não é (...) recalcar o inconsciente, mas, pelo contrário, deixá-lo desabrochar”. Associando a rasura do manuscrito à consistência do texto, afirma que revisar e reescrever são atos que alternam a presença do autor e do leitor no próprio ser que escreve. E sugere que o prazer da leitura resulta de uma “comunidade de desejos entre o autor e seu leitor”. Pairando sobre sua análise, a busca do “outro” onipresente na teoria lacaniana. De fato, ao longo do texto, Willemart não hesita em definir o ato de escrever como pulsão: “*A pulsão de escrever recobre portanto um fenômeno complexo que exige a incursão no outro ou no terceiro*”. “Pulsão” e “o Outro”, conceitos recorrentes nos ensaios do *enfant terrible* da psicanálise.

Este é o ponto sensível do debate, capaz de levantar polêmicas acirradas. Alguns depoimentos de escritores e professores de literatura afirmam ser Lacan “a sua casca de banana”, ou “um osso duro de roer”, etéreo demais para pretender abordar os motivos da produção literária, compreender a sua matéria viva e palpitante. Na verdade, essa rejeição esconde (ou revela) um claro aviso: não me venham querer explicar a criação literária pela via psicanalítica. Isso quer dizer, por exemplo: engessar o teatro dramático de Nelson Rodrigues nos meandros da teoria freudiana ou lacaniana é reduzir a expressão de sua genialidade a meras pulsões do inconsciente, ou a obsessões com a busca do outro. Não, a arte literária é muito mais do que isso e se impõe pela essência de sua composição. Não importa se o escritor era classificado como louco (Artaud) ou marginal (Genet), se era movido a café (Flaubert) ou cocaína (Proust, como Freud), homo ou heterossexual. Sua obra fala por si mesma. E existe acima e além de suas mazelas psíquicas.

“Os artistas nos ensinam muito mais coisas sobre o ser humano do que a psicanálise ou a filosofia” – afirma Willemart em entrevista a Mônica Corrêa, publicada no jornal *Estado de São Paulo*. Ele se confessa “suspeito” para avaliar se o estudo da gênese de um texto deve passar necessariamente pela psicanálise. Argumenta, no entanto, que se as descobertas freudianas ou a ação do inconsciente é largamente admitida nas atividades humanas, por que seria proibido lançar esse olhar sobre a atividade artística? Para ele, isso se manifesta claramente “na construção de personagens cada vez mais complexos, admitindo os lapsos, os sonhos e os discursos duplos”.

Polêmica à parte, os títulos dos capítulos do livro do professor Willemart são irresistíveis: “A rasura e a consistência”, “O manuscrito e as ciências exatas”, “Três contos, três textos, um argumento psicanalítico”, “O primeiro texto”, “Os meandros do desejo do narrador”, e por aí vai. Em “O primeiro texto”, ele aborda a interessante questão do plágio e da cópia, ou “o estudo das diferentes espécies de empréstimos (...) a cópia, a citação, o

pastiche, o intertexto, a glosa, o exergo (...) qualquer que seja o texto retomado de um outro”, uma ocorrência transparente na análise de manuscritos autorais. E para ilustrar, ele mesmo se apropria de uma citação de Alexandre Dumas: *o homem de gênio não rouba, conquista*.

A coisa está virando moda: o próprio Willemart coordena um grupo de pesquisadores no Laboratório do Manuscrito Literário, criado sob sua inspiração. Esta equipe faz pesquisas sobre os manuscritos de Flaubert, Proust, Valéry, Mallarmé e Pérec, além de Guimarães Rosa, Hilda Hilst e Milton Hatoum. No Instituto dos Estudos Brasileiros (IEB) da USP, um programa dirigido por Telê Ancona Lopez estuda dois grandes gêneros de documentos: a correspondência de Mário de Andrade e as anotações que ele deixou na margem de seus livros. Para o professor Philippe Willemart, esta nova safra de geneticistas se dispõe a “olhar o texto de uma outra maneira, já que seu objeto inclui os documentos de processo que mostram o caminho de uma escrita através dos rascunhos, a correspondência, os diários íntimos, os blocos de viagem, etc”. Por tudo isso, ele considera que, a partir da crítica genética, “o rascunho não será mais considerado como um objeto sujo, a ser jogado fora porque rasurado, nem um lixo. Ao contrário, ele será valorizado como um ‘meio’ favorável à criação”.

Presume-se que toda essa lucubração não seja capaz de motivar o interesse do consumidor final de livros – o leitor. Tenderia a orbitar com exclusividade o universo da crítica e da produção ensaística. Mas há quem diga, não sem razão, que todo leitor aficionado de Proust, Flaubert ou Balzac é um pretense e eventual escritor, no mínimo um produtor de textos, o que não acontece com o leitor de Paulo Coelho, que apenas deseja ler para confortar-se e melhorar de vida.

Importa indagar, ainda, sobre a perspectiva da crítica genética sobre a obra de escritores que produzem sua literatura em softwares editoriais que deletam inapelavelmente os registros originais, rasurando e corrigindo na própria tela do computador, sem deixar vestígios sobre sua gênese. O que, sem subtrair-lhe o mérito, relega o exercício do Professor Willemart ao ambiente da arqueologia. Na entrevista ao “Estadão”, ele discorda desse limite: – “Temos sempre, de um lado escritores que escrevem à mão ou que voltam a fazê-lo depois de ter digitado num PC ou Mac. Além disso, os autores que sabem o preço de seus rascunhos os conservam em disquetes e até os revendem para as universidades americanas ávidas dessa mercadoria. Mas por outro lado, para os homens de ciências e artistas, blocos de anotações, croquis e esboços continuarão a existir e poderão sempre ser objeto de pesquisa”.

Em todo caso – e em defesa do autor de “Universo da Criação Literária”, registre-se a sentença de Baudelaire, em seu ensaio sobre Théophile Gautier, também citada no livro: – *“Há na palavra, no verbo, algo de sagrado que nos proíbe de fazer dele um jogo de acaso. Manejar sabiamente uma língua é praticar uma espécie de feitiçaria evocatória”*.